

CONIC SEMESP

15º Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: APRENDIZAGEM CENTRADA NA PESSOA: CONTRIBUIÇÕES DO PROFESSOR FACILITADOR SOB O ENFOQUE ROGERIANO

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

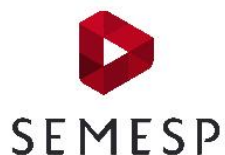
SUBÁREA: PEDAGOGIA

INSTITUIÇÃO: FACULDADE ANHANGUERA DE VALINHOS

AUTOR(ES): PATRICIA VENDRAMIN LINHARES, CINTIA DE CASTRO LOREDO

ORIENTADOR(ES): DANIELE ELOISE DO AMARAL S. KOBAYASHI

Realização:



Apoio:



APRENDIZAGEM CENTRADA NA PESSOA: CONTRIBUIÇÕES DO PROFESSOR FACILITADOR SOB O ENFOQUE ROGERIANO

Patricia Vendramin Linhares e Cíntia de Castro Loredó

Resumo

O presente artigo apresentará a discussão sobre as contribuições do professor facilitador para o processo do ensino e aprendizagem, na perspectiva da Aprendizagem Centrada na Pessoa, desenvolvida por Carl Ranson Rogers. A partir de pesquisas, em meio à revisão bibliográfica, buscou-se caracterizar as formas de comunicação e atitudes do professor facilitador a partir da concepção da Abordagem Centrada na Pessoa. A proposta de estudo mostrou-se relevante, visto que possibilita aos profissionais da área da educação a compreensão do processo de ensino e aprendizagem, por meio desta concepção humanista. Dessa forma, este artigo prioriza a aprendizagem significativa e sua facilitação promovendo a autorrealização do aluno e o desenvolvimento integral, mediante seu envolvimento pleno com o objeto de estudo. Igualmente, visa ampliar e enriquecer o conhecimento dos leitores dentro da perspectiva humanista, que possibilitará mudança de pensamentos e atitudes que permitam a aprendizagem significativa e contribuirá para a liberdade na aprendizagem do educando.

Palavras-Chave: Professor Facilitador; Aprendizagem Centrada na Pessoa; Aluno.

1. Introdução

A Aprendizagem Centrada na Pessoa (ACP) faz parte da concepção Humanista da aprendizagem de autoria de Carl R. Rogers (1902-1987), um psicólogo e professor norte-americano que fez o possível para mudar a base da educação centrada no professor para o educando. Sua carreira foi tão fecunda quanto polêmica, pois se opunha a duas fortes correntes teóricas de sua época, a psicanálise e ao behaviorismo.

Graças a seu jeito todo despreocupado ante a opinião dos demais profissionais e aos ataques que sofria, somados a persistência em suas convicções teóricas, abriu caminho à prática profissional de psicólogos e psicoterapeutas, profissão que antes fora exercida apenas por médicos e psiquiatras. Também foi o principal responsável pelo desenvolvimento da Terceira Força em psicologia ou teoria humanista, conseqüentemente foi o mais influente psicólogo e psicoterapeuta da América e sua teoria foi a mais importante entre as teorias humanistas da personalidade. (Fonseca, 2014).

Este artigo não tem por objetivo aprofundar sobre a biografia e vida de Rogers, contudo vemos a necessidade de esclarecer o momento em que o autor observa a aplicabilidade de sua teoria humanista para a área da educação. Assim, por meio das leituras realizadas, observamos alguns marcos na vida de Carl que foram importantíssimos para a formação de seus pensamentos.

Em primeiro lugar, ganha destaque sua formação em um curso que fizera no Union Theological Seminary, a fim de preparar-se para o serviço sacerdotal. Em 1924, Rogers e o grupo de estudantes a quem pertencia sentiam-se descontentes com a forma que o estudo era encaminhado, eles queriam estudar e entender assuntos que correspondessem às suas próprias questões e descortinar onde isso os levaria. Tiveram a iniciativa de conversar com a administração do curso argumentando sobre seus interesses e explicando a dificuldade de aprendizagem naquele sistema fechado de ensino. Mesmo com o espanto deste pedido, a administração do Union permitiu a organização deste seminário oficial, e disponibilizou um orientador que os acompanhava e só auxiliava quando os estudantes sentiam necessidade. Esta experiência impactou a vida de Carl, tanto que muito dela se observa na maneira com que dirigiu seu trabalho.

Outro fator que teve grande influencia nos pensamentos do autor Rogers, pode-se dizer que foi sua própria experiência. Passou 12 anos em Rochester onde aprendeu o serviço de psicologia prática trabalhando no diagnóstico e planejamento com casos de crianças delinquentes e sem recursos. Em Tornar-se Pessoa (p. 22-24), Rogers relata alguns incidentes que ocorreram em Rochester e admite que a partir destes que ele se dá conta de que o cliente é quem sabe aquilo de que sofre e em qual direção deve ir, por isso seria melhor deixá-lo na direção do movimento no processo terapêutico. No mesmo livro, descreve sobre as características de uma relação de ajuda (1977. pg. 43), e nos esclarece sobre sua plena convicção de que a relação interpessoal terapêutica poderia ser aplicada a todas as demais formas de relações existentes.

Por esta razão, entendemos que seu interesse pela área da educação esta extremamente vinculado ao resultado de anos de trabalho em psicoterapia, visto que a área da educação, como muitas outras, esta repleta de relações pessoais em que procura-se promover o crescimento, desenvolvimento e um melhor preparo para enfrentar os problemas da vida.

Considerando as relações existentes no meio educacional, este trabalho se propôs pesquisar sobre a aprendizagem significativa na direção do psicólogo Rogers, seu foco será a facilitação do processo de aprendizagem, e não o ensino tradicional. Rogers propõe um ensino diferenciado que leva a facilitação da autorrealização do aluno desenvolvendo-o integralmente, por meio do envolvimento pleno do educando com seu objeto de estudo.

Sendo assim, este artigo discorrerá sobre o papel do professor facilitador e sua importância para a aprendizagem, bem como as atitudes facilitadoras do docente na perspectiva Humanista da Aprendizagem Centrada na Pessoa – (ACP).

1. OBJETIVO

Pesquisar as contribuições do professor facilitador para o processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva da Aprendizagem Centrada na Pessoa (ACP), por meio de revisão bibliográfica.

Objetivos específicos

- Revisar a teoria de Carl Rogers sobre a importância do trabalho docente para a aprendizagem dos alunos;
- Pesquisar o papel do professor facilitador para Rogers;
- Investigar as práticas pedagógicas do professor facilitador sob a visão rogeriana.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica, na qual possibilitou contato direto com o tema da Aprendizagem Centrada na Pessoa (ACP), sob a visão Humanista rogeriana. Para isso, foram utilizados diferentes materiais como livros, artigos, revistas eletrônicas, entre outros recursos que contribuíram para desenvolver este assunto. Lakatos e Marconi, em seus estudos nos esclarecem que a pesquisa bibliográfica:

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]. (Lakatos e Marconi 2001, p. 183).

3. DESENVOLVIMENTO

3.1. Qualidades Facilitadoras da Aprendizagem

Guedes aponta, algumas qualidades facilitadoras que devem permear o processo de aprendizagem garantindo um ambiente propício para a liberdade dos educandos adquirirem

novos conhecimentos. Dentre estas características estão a autenticidade, o apreço, a aceitação, a confiança e a compreensão empática (Guedes 1979, p. 65).

Por autenticidade entendemos as ações do professor dentro de um contexto de honestidade e transparência. Rogers admite que esta qualidade não seja fácil de ser aplicada, pois o ser humano tende a mostrar aos outros sempre o melhor de si, assim não é totalmente verdadeiro em suas interações. (Rogers 1977, p. 112).

Para o autor, é primordial que o docente seja ele mesmo e mostre a seus alunos que o ser humano tem diversos sentimentos e não precisam ser escondidos, nem disfarçados. Nesta perspectiva o professor será honesto com o aluno e dirá o que realmente pensa sobre seu envolvimento em uma atividade ou trabalho, não para diminuir ou motivar seu aluno, mas sim para que seja estabelecida uma relação de confiança entre ambos.

Quando Rogers nos remete ao apreço, a aceitação, e a confiança, quer nos mostrar que o docente deve ser capaz de aceitar seu aluno da forma que ele realmente é, um ser humano com defeitos e potencialidades a serem despertadas, por isso é necessário que o profissional da educação compreenda que haverá momentos em que o educando estará com pouco interesse nos estudos, em outros poderá estar superentusiasmado para buscar seus conhecimentos ou mesmo teimar em alcançar respostas por caminhos que não levarão a um conhecimento profundo.

Em qualquer situação que o aluno se apresentar, será primordial que ele encontre apoio no facilitador da aprendizagem, aceitando-o como realmente é e valorizando seus esforços na aquisição de novos saberes, para tanto o educador deverá estar sempre pronto a escutar seus alunos, e nesta troca, em um clima de respeito, pode-se favorecer a comunicação entre professor e aluno em um elo de confiança.

Outra qualidade facilitadora na aprendizagem é a compreensão empática. Definimos esta característica como a qualidade de poder colocar-se no lugar do outro, confiando sinceramente na capacidade e potencialidade do educando. Desta maneira podemos destacar as atitudes do docente ao saber ouvir e sentir as situações colocadas por seus alunos como se fossem suas próprias, como se ele mesmo estivesse vivendo a situação, levando-o a compreender as ações de seus alunos de uma maneira singular que os valorize.

Quando o docente renunciar sua prática de ensino centrada nos conteúdos e em si mesmo, e substituí-la pela aprendizagem centrada na pessoa, certamente se surpreenderá com as mudanças que ocorrerão em seus educandos, pois se desenvolverão de maneira

autoiniciada e autônoma, na busca de seus objetivos e metas de aprendizagem. Ao mesmo tempo ficará admirado com as mudanças promovidas em si mesmo, ao passo de descobrir-se como um libertador de mentes, que agora pensantes estarão alcançando aprendizado para a vida (Rogers 1977, p.127), assim formarão pessoas aptas a exercerem plenamente sua cidadania.

3.2. Bases das atitudes facilitadoras

Para que haja uma relação de confiança e compreensão mútua em sala de aula, será necessário que o docente se permita transparecer aos alunos da maneira que ele é. Rogers (Rogers 1977, p.118) declara que a necessidade dos educadores não fingir seus sentimentos para os alunos, nem mesmo transferir responsabilidades para desviar-se de suas reais emoções. Exemplificando, se o docente não gosta do barulho que seus alunos fazem em determinada atividade, melhor será dizer para eles sobre seu incomodo com todo barulho explicando que este atrapalha seu raciocínio, ao invés de dizer apenas para eles que “são barulhentos” e mandar que fiquem quietos.

Com a segunda atitude citada acima, o pedido fica ambíguo e pode ocorrer que seus alunos não entendam a real intenção do professor. Por outro lado, quando o educador é sincero e traz para si a fala dizendo que não consegue pensar com todo aquele barulho, os alunos tendem a acalmar-se, pois entendem que o docente tem a necessidade de silêncio naquele momento, porque a fala de todos realmente é prejudicial para ele, pois esta sendo obstáculo para seu raciocínio. Neste sentido, sendo direto e transparente, poderá obter melhor resposta de seus alunos frente às situações cotidianas em sala de aula (Rogers, 1977, p.118).

Rogers (Rogers, 1977) aponta que na ACP é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre o professor para com o aluno, condição esta que da liberdade ao aluno para aprender por si mesmo, este se sente capaz quando percebe que o educador acredita em seu trabalho incentivando-o a aprender continuamente, por meio de desafios que façam parte de seu cotidiano lhes trazendo significados reais, aguçando o desejo de resolvê-los, descobrir novos caminhos, crescerem e criar novas soluções, renovando assim seus conhecimentos constantemente. Desta forma o educador desenvolverá estratégias que permitirão um clima favorável à aprendizagem e a qualidade no relacionamento pessoal de todos envolvidos (Rogers, 1977, p.120).

Além disto, o psicólogo nos alerta que quando o educador decide mudar suas estratégias de ensino tornando-se autêntico, com apreço e empatia pelo educando, não será como em um “passe de mágicas” que verá as mudanças ocorrerem, ainda passará por muitos ajustes pessoais e atitudinais até que se descubra como facilitador e venha a obter os resultados de sua nova estratégia de trabalho (Rogers, 1977). O educador deve experimentar esta nova perspectiva de aprendizado para saber se consegue dar a liberdade na qual seus alunos precisam para tornarem-se autônomos e assumirem as responsabilidades desta forma de aprendizado, com o tempo perceberá que seus alunos passarão a aprender de maneira diferenciada e em ritmo próprio.

3.3. O papel do professor facilitador para Rogers

O facilitador da aprendizagem deverá ser um apoio para o educando na busca de novos conhecimentos, esses saberes serão alcançados pela autoiniciativa do aluno, que buscará conhecimento conforme seu interesse, de forma a preencher seus anseios e necessidades de forma significativa.

Neste caminhar, junto com o aluno, o professor se descobrirá como facilitador. Seu relacionamento honesto, franco e autêntico com os discentes proporcionará um ambiente, na sala de aula, com liberdade que promoverá atitudes de cooperação e levantamento de hipóteses para a solução de diversos problemas reais dos alunos.

É de extrema importância que o facilitador desafie o educando a explorar o que ainda não conhece. Este ato não deve ser confundido com o de motivá-lo, pois na óptica rogeriana, o desenvolvimento global das potencialidades pessoais acontece naturalmente pela evolução humana, sendo assim os alunos já estão abertos a novos conhecimentos por natureza (Hall e Lindzey, 1984, p.63), por isso o facilitador deve despertar a curiosidade natural do aluno, levando-o a buscar novas oportunidades para ampliação de sua capacidade intelectual.

Da mesma forma, promoverá um clima facilitador de relações entre os alunos, onde permeie a espontaneidade na sala de aula. Para este fim, os alunos não serão reprimidos por seus erros. Este atendimento educacional permite maior aproximação, comunicação e integração entre os alunos e professor/aluno, cativando-os a ponto de que proporcione um clima favorável à participação e cooperação livre de todos. O docente, também precisa

importar-se com os problemas do educando de tal forma que haja compreensão de seu mundo pessoal, e aceitação da pessoa sem restrições.

O facilitador além de prover recursos aos educandos se torna um recurso importantíssimo na sala de aula, desta maneira estará aberto ao diálogo para orientações individuais ou grupais, e, após a conversa os educandos terão a liberdade de questioná-las e confrontá-las livremente com outras informações e recursos, ampliando assim sua própria aprendizagem.

3.4. Princípios de aprendizagem

Rogers é absolutamente contra o ensino nas escolas, no sentido de que só se ensina o que um dia foi aprendido. Aprofundando mais, Rogers aponta que só há aprendizagem quando o objeto de conhecimento tem um real significado para quem aprende. Por esta razão o docente não deve ensinar o que sabe, pois os alunos não se apropriarão destes saberes por não confiarem o mesmo valor e significado ao objeto de estudo, de modo que será facilmente esquecido pelo educando por não ter nenhum vínculo com seus anseios. Sendo assim, Rogers baseia toda sua teoria no sentido da Aprendizagem Centrada na Pessoa, no ato de facilitar a aprendizagem dos educandos.

O educando só aprenderá a partir do momento em que perceber que o objeto de conhecimento é essencial a sua vida pessoal, que trará algo de relevante para si e servirá como ferramenta para resolver seus problemas reais, por isso não adianta transmitir conhecimentos e sim conhecer o educando, facilitando seu aprendizado constante. Neste sentido, Milhollan e Forisha declara que:

O único homem educado é o homem que aprendeu a aprender; o homem que aprendeu a adaptar-se e mudar, que percebe que nenhum conhecimento é seguro e que só o processo de buscar conhecimento dá alguma base para segurança (Milhollan; Forisha, 1972, p.176).

3.5. Estratégias facilitadoras que colaboram no processo de ensino e aprendizagem (Rogers, 1977).

Ao se estabelecer a prática educativa, Rogers acredita que se faz necessário dividir as responsabilidades com os educandos. Uma vez que o educando é o maior interessado no

desenvolvimento de sua aprendizagem ele tem total liberdade para escolher os conteúdos que serão desenvolvidos para o aprendizado, conforme as necessidades e interesses individuais e do grupo. Da mesma forma poderá escolher como o conteúdo deve ser trabalhado, decidindo ações necessárias para alcançar seus objetivos. Por isso, na perspectiva de Rogers o aluno é corresponsável pelo currículo e partilha de um contrato estabelecido por todo o grupo e professor (Rogers e Rosemberg, 1977).

Os recursos necessários para o desenvolvimento e ampliação do conhecimento dos educandos deverão ser disponibilizados pelo professor. Este, porém, não os utilizará para ensinar, mas sim dará toda autonomia para que os alunos os utilizem livremente. O autor também nos faz referência sobre a importância de desenvolver os próprios alunos, permitindo que os mais experientes possam orientar os que estão iniciando neste novo tipo de aprendizagem.

Cabe aos alunos elaborarem um programa de estudos e o seguirem, e a partir desta decisão trabalhar autonomamente a fim de cumpri-lo. Por meio deste plano de estudos e ações, o discente se tornará responsável pelo seu processo de aprendizagem, assumindo as consequências de sua escolha, passando a ter autodisciplina nos estudos.

Quando a aprendizagem é significativa cria raízes e faz com que este aprendizado permaneça durante a vida do aluno promovendo mudanças de comportamento. Rogers afirma que o foco da aprendizagem não está no conteúdo, mas em favorecer um processo contínuo de aprendizagem. Por isso, não importa ter o conhecimento como resultado, mas “o progresso significativo na aprendizagem de como aprender aquilo que se quer saber” (Rogers, 1977, p.138).

A estratégia de divisão em grupos se faz necessária, por causa da diversificação de nossa sociedade, sendo possível encontrarmos pessoas que não se adaptem bem ao ritmo da aprendizagem ativa diante da liberdade e conseqüentemente responsabilidades. Assim, faz-se necessário oportunizar aos mais passivos a instrução de conteúdos, por meio de aulas expositivas, quando estes preferirem.

Utilizando a organização em grupos, os alunos terão mais liberdade, porém com responsabilidades. O papel docente será o de facilitar todo o processo de aprendizagem retirando os obstáculos que os impedem em seu crescimento pessoal. Podem-se dividir os alunos em agrupamentos vinculados as preferências ou temas específicos escolhidos pelos estudantes, sendo que cada grupo deverá ter um facilitador de aprendizagem, um

representante semanal e um relator que informará o facilitador de todo o andamento do trabalho, sempre que solicitado.

A orientação de pesquisa permite que os alunos tenham contato com o mundo científico, descobrindo-se e tendo experiências que valerão por toda a vida. Dessa forma, a proposta é que haja um ambiente favorável ao educando oportunizando o levantamento de hipóteses e a investigação autônoma de forma a confirmar ou não as hipóteses levantadas.

Para Rogers, é necessário trabalhar com simulações de acontecimentos da vida cotidiana. Esta forma de aprendizado permite que os estudantes busquem informações sobre o assunto, e sejam responsáveis por suas atitudes e experimentando poder de negociação, como na vida real, sofrendo consequências das ações realizadas, e de certa forma, estarão se preparando para a vida adulta.

4. RESULTADOS

Com este estudo foi possível verificarmos a importância do trabalho pedagógico para a aprendizagem dos alunos, visto que por meio de sua práxis, o educando poderá desenvolver sua autonomia, de maneira que haja autorrealização e aprendizado duradouro, assim o profissional da educação deve ser autêntico, aceitando seu aluno como ele é, tendo confiança em sua capacidade de aprendizado e colocar-se no lugar de seu aluno, proporcionando condições favoráveis ao ensino-aprendizagem.

Também conhecemos algumas práticas pedagógicas que caracterizam o trabalho do professor facilitador da aprendizagem como a divisão em grupos, a orientação de pesquisa, a autoavaliação, entre outras. Também compreendemos que o docente é o responsável em prover os recursos para o pleno desenvolvimento do educando, retirando as barreiras que impedem a aprendizagem significativa do aluno, propondo desafios, dando liberdade, com responsabilidades, para que os educandos cresçam desenvolvendo seu potencial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho notamos que Rogers aproveitou muito de sua vivência como terapeuta e soube transpô-la para a área da educação de forma dinâmica de modo a considerar positivamente os anseios dos educandos. Durante as pesquisas notamos sua

preocupação com o relacionamento entre professor aluno, sendo que este afeta diretamente na aprendizagem do educando.

Rogers pensou num ambiente de facilitação, possibilitando a independência do aluno, o exercício da criatividade e da autoconfiança. Neste contexto a avaliação torna-se menos importante que o processo de aprendizado adquirido.

Aos leitores deste trabalho, esperamos ter oportunizado um momento de reflexão, tendo em vista a possibilidade de pensar primeiramente no aluno, em seu envolvimento no processo da aprendizagem, levando-os a um aprendizado mais durável.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, B. W; Rieis, B. E; Chagas, E. R. C.; rosa, J; Ramos, M. B. J. **Psicologia e Educação: Desenvolvimento Humano Infância**. 5. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

FONSECA, M. J. M. Carl Rogers: **Uma concepção holística do homem – Da terapia centrada no cliente à pedagogia centrada no aluno** – 2009. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium36/4.pdf> - acesso em: 10/08/2015.

GUEDES, S.P. **Educação Pessoa e Liberdade: propostas rogerianas para uma práxis psico-pedagógica centrada no aluno**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

OLIVEIRA, M. F. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão/GO: Universidade Federal de Goiás; Campus Catalão, 2011. Disponível em: <https://adm.catalao.ufg.br/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf>: Acesso em: 10 jun. 2015.

OSTERMANN, F; Cavalcanti, C. J. H. **Teorias Humanistas: Carl Rogers (1902-1987)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Física, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: http://www.ufrgs.br/uab/informacoes/publicacoes/materiais-de-fisica-para-educacao-basica/teorias_de_aprendizagem_fisica.pdf.

ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. 4. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

ROSA, J. **Psicologia e educação: o significado do aprender**. 5. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

SCAGNOLATO, L. A. S. **Carl Rogers**, 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/carl-roger/16846/> - acesso em: 10/08/2015.

SILVA. E. M; MORAIS, J. A; BARBOSA, I. S. **As Implicações a Teoria de Carl Ransom Rogers Para a Educação Em Ciências**. Rev. ARETÉ. Manaus. v. 6 - n. 10 | p.63-72 | jan-jun | 2013- disponível em: http://www.revistas.uea.edu.br/download/revistas/arete/vol.6/arete_v6_n10-2013-p.63-72.pdf - acesso em: 10/08/2015.